

Corpo e matéria

Exposição de Rômulo Barros na Galeria A Pilastra reflete sobre os ciclos da vida

Nahima Maciel

Corpo e matéria são temas centrais na produção que a artista Rômulo Barros apresenta na exposição *Do pó ao pó*, em cartaz na Galeria A Pilastra. Com trabalhos que representam diversas fases da trajetória, a mostra faz uma pequena retrospectiva e propõe uma leitura ampla da produção da artista pelo olhar de uma curadoria coletiva que faz parte de um projeto de residência da galeria. “É um time dos curadores que está estudando e fomentando a produção”, explica Rômulo.

Reflexões sobre a vida, a morte, o movimento e o lugar do corpo e da matéria nesse ciclo são constantes na obra do artista. “Minha produção como um todo, por mais que seja variada em relação ao tempo, ela se correlaciona muito com pesquisas recorrentes. Sempre falo muito sobre o corpo, a morte, a vida, o movimento, essa coisa entre vida e morte, esse período que é depois da vida, mas não necessariamente é morte”, explica Rômulo, que coloca a própria corporalidade e a experiência de ser uma artista trans no centro das reflexões.

São trabalhos como *Olhos que a terra há de comer*, foto-performance na qual a artista posiciona pedras de cerâmica marcadas com o desenho de um olho em círculos de maneira a se entreolharem. “A pedra tem o lugar de ser um ultimato enquanto vida, um dos últimos lugares em que você se sedimenta, e está muito relacionada com a terra”, diz. As cerâmicas também podem ser encaradas como artefatos que, após enterrados, podem ser encontrados, tal qual a memória

FOTOS: DIVULGAÇÃO



Afluentes traz uma metáfora sobre as origens do artista

de um corpo que foi enterrado. “É tudo muito subjetivo na minha produção, não gosto de deixar as coisas muito claras, gosto que as pessoas tenham esse encontro com as perspectivas delas”, garante Rômulo.

Ou ainda obras como *Fissuras*, instalação feita com corpos em tecido que se derramam pelo espaço, e *Som, som, som*, que estabelece relação entre nascimento e morte ao associar um percurso de festa. “Essa



Rômulo Barros: o próprio corpo e a ancestralidade são temas da pesquisa do artista

questão do corpo me interessa muito porque, dentro dessa subjetividade, o trabalho é uma reprodução do meu corpo

enquanto uma pessoa trans, negra. É um corpo considerado dissidente, abjeto. Meus trabalhos têm uma vontade



Pedrada: materiais populares fazem parte da construção da escultura

SERVIÇO

Do pó ao pó

Exposição de Rômulo Barros. Curadoria: Belo e Bizarro, Júlia Teodoro, Madá Granja, Ness, Tahak Meneguzzo. Visitação até 15 de agosto, na Galeria A Pilastra (QE 40 Rua 09 Lote 8 – Guará II)

de transformar a forma como penso meu corpo numa coisa valiosa, como em um exercício de alquimia”, avisa.